

Universidade Federal da Paraíba - Campus - V
Centro de Formação de Professores - C. F. P.

O livro didático: "Seu papel no processo ensino-aprendi-
zagem".

Maria Auxiliadora do Nascimento

Cajazeiras, agosto/1995.

Maria Auxiliadora do Nascimento

O livro didático: "Seu papel no processo ensino-aprendizagem".

Trabalho apresentado para a conclusão do curso de Graduação em Pedagogia, do C.F.P. - Campus V Cajazeiras.

Orientadora: Professora Idelsuite de Sousa Lima.

Cajazeiras, Agosto de 1995.

"A educação como prática de liberdade, é um ato de conhecimento, uma aproximação crítica da realidade".

(Paulo Freire)

AGRADECIMENTO

A Deus,

que me orientou nas horas difíceis, ajudando
dando-me a chegar ao término de mais uma batalha.

Aos mestres,

pelo compromisso assumido para conosco. Em
especial a orientadora Idelsuite de Sousa Lima, que com suas orien
tações contribuíram para a realização deste trabalho.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

I- INTRODUÇÃO

II- O LIVRO DIDÁTICO: SEU PAPEL NO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM

III- MARCO TEÓRICO

IV- METODOLOGIA

V- CONCLUSÃO

VI- ANEXOS

VII- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

INTRODUÇÃO

Este trabalho representa uma tentativa de aprofundar nossos conhecimentos sobre o livro didático: seu papel no processo' ensino-aprendizagem.

A nossa experiência se deu na Escola Municipal de 1º Grau "Dégma Lúcia" em São Gonçalo (Sousa-Pb.)

Consideramos importante estudar a questão tendo em vista que o livro didático é um assunto polêmico na realidade educacional.

Baseado no tema, trabalhamos com algumas questões relevantes da sua utilização, o que passamos agora a comentar na perspectiva de provocar uma reflexão com vistas a compreender o papel ' desse material didático.

O livro didático: seu papel no processo ensino-aprendizagem.

"O livro didático é um elemento tão presente na sala de aula quanto o professor". (MOLINA 1988 p. 13)

Partindo dessa concepção pode-se perceber que os professores na escola campo de estágio tem o livro didático como um recurso importantíssimo no processo ensino-aprendizagem, no que afirma uma professora:

- "O livro didático é um dos instrumentos importante. Pois sem ele não buscamos novos conhecimentos para o desenvolvimento às aulas". (Prof. A)

De acordo com essa posição, nem sempre o professor está preparado para trabalhar o livro, pelas suas próprias limitações e discernimento.

É sabido que os livros didáticos trazem uma ideologia burguesa, contribuindo para que o alunado esteja alienado, segundo nos assegura FARIA (1994).

"O livro didático é um dos veículos utilizados pela escola para a transmissão da ideologia burguesa".

Outra questão em pauta, é quanto a forma como se dá a escolha na escola, uma professora relatou que:

- "Geralmente quando vamos escolher os livros é com tempo limitado, e nem sempre temos oportunidade de receber os escolhidos pelo catálogo". (Prof. B)

Apesar disso, quando o livro à escola chega, o professor poderá trabalhá-lo de uma maneira que levasse a criança a

refletir, segundo FREITAG (p. 116)

X 0
"Interessa saber também a maneira como a criança percebe e assimila os conteúdos bem ou mal vinculados pelos os textos e pelo professor".

Pela forma que podemos observar o trabalho, o LD é, realizado mecanicamente e cada segundo de forma linear sem questionamento, sem análise crítica.

No decorrer do estágio percebi que houve um certo despertar dos professores através dos estudos e debates realizados na escola, conforme avaliação feita por uma professora:

"Os encontros enriqueceram meus conhecimentos".

(Prof. C)

MARCO TEÓRICO

O livro didático é um dos instrumentos importante, no processo ensino-aprendizagem por constituir-se muitas vezes no único material escrito encontrado na sala de aula e conseqüentemente na vida das crianças em cujas moradias não há ambiente propício à leitura, o que é reforçado por MOLINA (1988 pág. 18).

"O livro didático adquire especial importância quando se atenta para o fato de que ele pode ser, muitas vezes, o único livro com o qual a criança tem contacto. Considerando-se o fato de que, ao deixar a escola, pode ocorrer que jamais tornem a pegar em livros. Percebe-se que, para muitos cidadãos, o livro didático termina por ser "o livro".

Embora o livro traga tamanha responsabilidade, o que é questionável é a forma como a escola o utiliza reforçando a divisão da sociedade em classes, sendo portanto um instrumento ideológico a serviço dos dominantes, o que pode ser confirmado por FARIA (1994).

"O livro didático é um dos veículos utilizados pela escola para a transmissão da ideologia burguesa".

Essa ideologia é transfotida muitas vezes através das gravuras, das situações, das histórias narradas e principalmente através dos conceitos morais e lingüísticos, etc. Entretanto seja qual for a forma de trabalhar o livro didático ele assume um pa-

Y X
pel importante, como pode ser reforçado por MOLINA (1988 pág. 13).

"O livro didático é um elemento' tão presente na sala de aula ' quanto o professor", "havendo aqueles professores" que chegam' a proibir a entrar na sala os a lunos que não tenham trazido o livro".

Outra questão em foco, é o direito atribuído ao pro fessor de escolher o livro o que traz novas preocupações.

As condições de vida dos professores de modo geral' os impedem de ter acesso a jornais, revistas, que possam abrir os conhecimentos acerca do que se publica, como e com quais objetivos.

Assim, os professores escolhem através de catálogos aqueles mais conhecidos, reforçando o que afirma MOLINA (1988 p.24)

"Quem edita mais divulga mais,' e com isso forma-se um círculo vicioso: As editoras mais po derosas exercem maior pressão so bre os professores".

Acertam-se a isso a precária formação político-peda gógica da maioria dos professores e a pouca familiaridade com novos livros tornando-se sem validade a oportunidade de escolha, como ' nos assegura LAJOLE (1987).

"O direito que tem o professor' de escolher o livro com o qual vai trabalhar choca-se na práti ca, com a falta de condições ' concretas para exercer este di- reito"...

V P

Dessa forma, as condições de trabalho dos professores "obrigam-no a ter mais de um emprego e praticamente não lhe sobra tempo para preparar uma aula antes de entrar na sala. A alternativa é realmente abrir o livro e basear-se nele". (NOVA ESCOLA ' nº 37 pág. 40)

Tal constatação nos remete a questão maior do hábito de leitura que tem os professores. O professor que lê pouco passa "sublinhadamente para seus alunos a desprezo pela leitura, segundo afirma FREITAG (1993).

"Os hábitos da não-leitura do professor são repassados aos alunos".

Nesse enfoque, o trabalho inerte com o livro didático restringe os conhecimentos por não exigir do professor pesquisas a outras fontes tornando-o repetidor das idéias do autor.

As atividades sugeridas na maioria dos livros não desenvolve o raciocínio, por serem mecanizados, estimulam a decoreba e inibem a construção do saber, como nos afirma ALVES et alli (1984 pág. 30).

"Os livros didáticos de 1ª a 4ª séries não ajudam o professor a desenvolver nos alunos o gosto pela leitura, não contribuem para a formação de hábitos de leitura inteligente, nem estimulam a reflexão e a crítica".

Neste sentido, o livro didático ao chegar nas mãos das crianças na escola precisa ser trabalhado de forma crítica, confrontando o conteúdo deste com a realidade dos alunos.

Dessa forma o papel do professor ao utilizar o livro didático é de suma importância, haja vista que ele deve ter a

X 0

preocupação de saber como a criança absorve tais conteúdos, o que ' pode ser confirmado por FREITAG (1993 pág. 116).

"Interessa saber também a maneira como a criança percebe e assimila os conteúdos bem ou mal veicu lados pelos textos e pelo o professor".

Nessa perspectiva revela-se a grande importância de' como o professor trabalha o livro didático e por consequência os ' conteúdos.

METODOLOGIA

X
0

A referida proposta de trabalho engloba características de um estudo exploratório, cujo objetivo fundamental é aprofundar os conhecimentos sobre o livro didático seu papel no processo ensino-aprendizagem com professores da Escola Municipal de 1º Grau "D^{ma} Lúcia" em São Gonçalo-Pb.

Envolve ainda este tipo de estudo levantamento bibliográfico sobre o tema em questão seguido de fechamentos e discussões.

Realizamos seminários internos.

No campo de estágio, foram feitas observações para que conhecermos o trabalho com o livro didático.

Realizamos estudos com os professores onde foram levantadas questões relevantes acerca do tema.

Sistematizando finalmente o nosso trabalho numa monografia.

CONCLUSÃO

Ao concluir o trabalho sobre o livro didático na Escola Municipal de 1º Grau "Dégma Lúcia" - São Gonçalo-Pb., consttatei que as dificuldades surgidas no decorrer do processo tornaramse motivo de estímulo, principalmente porque possibilitou uma análise criteriosa do livro didático hoje.

Apesar dos obstáculos encontrados, foi de grande valia, pois tive a oportunidade de perceber como é trabalhado o livro didático e as dificuldades existentes.

Desta forma, trabalhar a questão do livro didático' foi de grande importância porque enriqueceu meus conhecimentos.

ANEXO I

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

CFP. CAMPUS V

D. E.

CURSO - PEDAGOGIA

DISCIPLINA: ESTÁGIO SUPERVISIONADO DA SUPERVISÃO ESCOLAR

PERÍODO: 95.1

TEMA: O ESTÁGIO SUPERVISIONADO DO PEDAGOGO SUPERVISOR:
PROPOSTA DE AÇÃO.

ORIENTADORA: PROF. IDELSUITE DE S. LIMA

CAJAZEIRAS - MARÇO/1995

X
6

I - APRESENTAÇÃO, JUSTIFICATIVA E OBJETIVOS

De modo geral é no momento do estágio curricular que se dá a passagem de estudante para o profissional. É nesse momento que ele descobre na sua formação: suas molezas, suas in consistências teóricas-metodológicas, seus pontos críticos. En- fim, a "Caixa preta" da sua formação.

Essa situação, já antiga, impõe aos professores' de estágio curricular tarefas desafiantes, no sentido de tentar reconstruir em, no máximo dois períodos letivos, toda trajetória acadêmica dos alunos e conceber essa atividade como um peri do de preparação e iniciação profissional.

Nesse sentido, pensamos que o Estágio Curricular em Supervisão Escolar que ora orientamos deverá contribuir para a formação do pedagogo supervisor, no sentido de proporcionar ' uma maior compreensão teórica-metodológica dos fenômenos educati vos, bem como aproximá-lo dos problemas intra-escolares na pers pectiva de vislumbrar saídas de embasamento teórico e da práti ca coletiva no âmbito das escolas, considerando que será ele, en quanto profissional da educação, um dos elementos agilizadores de processos escolares que possam significar um novo tipo de edu cação que atenda aos interesses e anseios da sociedade brasi leira.

A nossa proposta de trabalho para Estágio Super-
visionado

em Supervisão Escolar permitirá que os alunos tentem os fundamentos teóricos adquiridos ao longo do curso de Pedagogia às tentativas operacionais de suas Propostas de Ação, veiculando o saber sistematizado à realidade das escolas, campo de trabalho, fortalecendo dessa forma, a produção de conhecimento e a sua formação enquanto educador consciente e comprometido com a realidade brasileira.

II - CONTEÚDOS:

TEMÁTICA OPERACIONAIS:

- . Planejar para quê? Uma proposta de planejamento na escola X.
- . O livro-texto como recurso didático: potencialidades e limitações.
- . Alfabetização: confronto de teorias x aprendizagem em escolas públicas, privadas e alternativas.
- . Conto de fadas ou realidade? Um estudo de História do Brasil na 5ª série.
- . Ciclos de pais e mestres em escolas rurais: para além da tentativa de aproximação.
- . Livro didático: seu papel no processo ensino-aprendizagem.

III - METODOLOGIA

A proposta de curso para o Estágio Supervisionado será desenvolvida basicamente em duas etapas: uma teórica e outra prática.

A primeira constará de uma revisão bibliográfica para aprofundamento teórico e organização da abordagem de campo, que caracterizará a segunda etapa da proposta.

Faz parte também dessa proposta, organizar eventos internos (seminários, encontros, mesa redonda, etc.), onde os estagiários relatarão suas experiências, ao tempo em que sistematizarão seus conhecimentos no confronto com a problemática da ação supervisora. Dessa forma, os alunos terão oportunidades de transmitir suas experiências profissionais e ou acadêmicas.

IV - AVALIAÇÃO

A avaliação compreenderá:

- 1- o processo de produção intelectual da aluna (as condições em que este se deu, a finalidade intelectual teórico, a bibliografia, etc.);
- 2- a própria produção (aprofundamento teórico, a escrita, a redação, a qualidade, etc.);
- 3- desempenho e o nível de qualidade na realização dos eventos internos;
- 4- a defesa do trabalho perante a banca examinadora (se for o caso).

V - REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA:

- ABREU e MASETTO. O professor universitário em sala de aula. São Paulo, Cortez.
- ALTHUSSER, Louis. Aparelhos ideológicos de Estado: notas sobre aparelhos ideológicos do Estado. Tradução de Wagner J. Evangelista e Maria L. V. Castro. 2ª ed. Rio de Janeiro, 1985.
- ARROYO, M.G. Pátria amada, ignorada. Em Aberto. Brasília, 7: (37) jan/mar. 1988.
- AZENHA, M.G. Construtivismo - de Piaget a Emilia Ferreira. S. Paulo, Princípios, 1983.
- BARROS, Aidil J. P. e LEHFELD, N.A.S. Projeto de Pesquisa: propostas metodológicas. Petrópolis, Vozes, 1991.
- BUARQUE, L.L. e REGO, L.L.B. Alfabetização e construtivismo: teoria e prática. Recife, Ed. Universitária, 1994.
- CARDOSO, B. e TEBEROSKY, A. Reflexão sobre o ensino da leitura e escrita. 5ª ed. Petrópolis, Vozes, 1993.
- CARVALHO, M.C.M. (org.). Construindo o saber. 4.ed. Campinas, Papirus, 1994.

- CHARLOT, B. A mistificação Pedagógica: realidades sociais e processos ideológicos na teoria da educação. 2.ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1983.
- DEIRO, M.L.C. As belas mentiras. 11. ed. São Paulo, Moraes, 1978.
- FABIA, A.L.G. Ideologia do livro didático. São Paulo, Cortez, 1986.
- FEIL, I.T.S. Alfabetização - um desafio novo para um novo tempo. ' Petrópolis, Vozes, 1987.
- FERREIRO, E. Reflexão sobre alfabetização. 22. ed. São Paulo, Cortez, 1993.
- MOLINA, O. Quem engana quem? O professor x livro didático. 2.ed. ' Campinas, Papirus, 1988.
- ROSA, S.S. Construtivismo e mudança. 2.ed. São Paulo, Cortez, 1994.
- SOARES, G.M.R. Estudo comparativos de métodos de ensino da leitura e da escrita. 3.ed. Papelaria Américas, Editora, 1983.
- TURRA, et. al. Planejamento de ensino e avaliação. São Paulo, Sagro.
- VIGOLVINO, M. D. Mulher professora leiga: vida e trabalho. Dissertação de Mestrado. PUC - RJ. 1989.

CRONOGRAMA DE EXECUÇÃO

	MARÇO	ABRIL	MAIO	JUNHO	JULHO	AGOSTO
ATIVIDADES						
R. Bibliográficas						
Organização dos seminários	X	X				
Seminários			X			
Engresso no campo de estágio			X	X	X	
Atendimento personalizado para discussão da proposta vivenciada					X	
Produção e apresentação da monografia		X	X	X	X	X

A N E X O I I

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
COORDENAÇÃO DE PEDAGOGIA

O LIVRO DIDÁTICO: Seu Papel no Processo Ensino-Parentizagem

ELABORAÇÃO: Maria Auxiliadora do Nascimento

ORIENTADORA: Idelsuite de Sousa

Cajazeiras / abril / 1995

I N D I C E

	Pág.
1. Marco Teórico	01
2. Objetivos	08
3. Metodologia	09
4. Cronograma	10
5. Referências Bibliográficos	11

M A R C O T E Ó R I C O

A educação existe porque alguém a produz para servir como expressão do pensamento e, conseqüentemente como instrumento de comunicação.

Dessa forma, a educação pode ser vista como elemento de formação global do indivíduo engajado nas suas relações sociais, políticas, econômicas e culturais com reflexos da sociedade que a mantém.

A escola pela função social que desempenha pode atuar como espaço possível do saber sistematizado, fazendo com que o educando seja capaz de recriar o mundo do qual faz parte.

Recriar significa participar ativamente das atividades escolares engajando-se nos movimentos de comunicação, nas reivindicações coletivas, no ambiente no qual está inserido.

Para que a escola cumpra a sua função social é preciso que ela repense a sua forma de transmissão do saber e questione o (mundo) modo como trabalha os conteúdos curriculares.

→ Uma forma que a escola de modo geral, repassa tais conteúdos é através do Livro Didático.

→ Esse livro didático tem papel importante no processo ensino-aprendizagem por constituir-se muitas vezes no único material escrito encontrado na sala de aula e conseqüentemente na vida das crianças, em cujas moradias não há ambiente propício à leitura, conforme afirma MOLINA (1988 - p. 18).

"O livro didático adquire especial importância quando se atenta para o fato de que ele pode ser muitas vezes, o único livro com o qual a criança tem contacto, considerando-se o fato de que, ao deixar a escola, pode ocorrer que jamais tornem a pe

gar em livros.

Percebe-se que, para muitos cidadãos o livro didático termina por ser "o" livro.

Embora o livro traga no seu bojo tamanha responsabilidade, o que é questionável é a forma como a escola utiliza reforçando a divisão da sociedade em classes, sendo portanto um instrumento ideológico a serviço dos dominantes, o que pode ser confirmado por FARIA (1994):

"O livro didático é um dos veículos utilizados pela escola para a transmissão da ideologia burguesa".

Essa ideologia é transmitida muitas vezes através das gravuras, das situações, das histórias narradas e principalmente dos conceitos morais, lingüísticos, etc.

Entretanto, seja qual for a forma de trabalho o livro didático, este assume um papel significativo, vez que "é elemento tão presente na sala de aula quanto o professor". "Havendo aqueles professores" que chegam a proibir a entrar na sala, os alunos que não tenham trazido o livro (MOLINA, 1988 p. 13).

O surgimento do livro didático no Brasil tem pouca memória do ponto de vista histórico. Sabe-se que durante muito tempo os livros existentes eram exportado da França e que somente a partir de 1930, dada a crise financeira mundial, o acesso a tais livros ficou inviável pelos custos desorbitantes, consequência da desvalorização da moeda brasileira fazendo com que o produto nacional competisse no mercado interno, segundo afirma HOLANDA 1975:

"Com efeito a queda da nossa moeda conjugada com o encarecimento do livro estrangeiro, provocado pela crise econômica mundial, permitiu ao

compêndio brasileiro-antes mais caro do que o francês-competir comercialmente com este".

A década de 30 marca a história do livro didático no Brasil, ou melhor dizendo, a política do livro didático no Brasil, por ser a partir da Revolução de 1930, com a criação do MEC que surgem as primeiras leis que versam sobre a questão do livro didático.

Em 1937 o Estado Novo assegura a divulgação e distribuição de obras e interesse nacional e cultural. Cria-se então neste período o Instituto Nacional do Livro (INL) sendo, subordinado ao MEC.

A partir daí foram surgindo outros órgãos menores para tratar especificamente da referida questão e também tinham como objetivos. Segundo FREITAG, (1993 p. 12):

"Planejar as atividades relacionadas com o livro didático e estabelecer convênio com o órgão e instituições que as segurassem a produção e distribuição do livro didático".

Assim vai tomando forma a história do livro didático do ponto de vista legal. O advento do decreto-lei nº 1.006/38 define inicialmente o que devem-se entender por livro didático. Em consequência deste decreto é criada uma Comissão Nacional do Livro Didático (CNLD), sendo cabível a essa Comissão examinar e julgar os livros didáticos, fazer indicação dos livros escolhidos para tradução e promover concursos para produção de outras espécies de livros didáticos ainda não existentes no País.

A Comissão Nacional do Livro Didático passa em 1939 com o decreto lei nº 1.117/39 a ter mais membros na sua composição sendo aumentado também o controle sobre este, pelo poder central do MEC vez que ele controlava a comissão.

Em 1945 evidenciam-se críticas questionando a legitimidade da citada comissão, o que é silenciada pelo decreto nº 8.460/45, tornando-se legal.

Por volta de 1947, O Ministro Clemente Mariani solicita um parecer jurídico julgando a legalidade ou ilegalidade da referida comissão.

A revelia do controle do ministro, a Comissão persiste, segundo BOMENY, citada por FREITAG et al. (1993 p. 14):

"(...) com seus plenos poderes, sem que sejam resolvidas os vários impasses decorrentes da centralização do poder, do risco de censura, das acusações de especulação comercial e da manipulação política, relacionada com o livro didático".

Na década de 60 são assinadas os vários acordos entre o governo brasileiro, (Ministério da Educação e Cultura) e o americano, (Agência-Norte-Americana para o desenvolvimento internacional) denominado MEC/USAID criando-se ao mesmo tempo a Comissão do Livro Técnico e do Livro Didático (COLTLD), com objetivos gratuitamente livros para os estudantes brasileiros, implantar bibliotecas e promover cursos de reciclagem.

O advento de tais benefícios da USAID serviam como objeto de manipulação americana sobre o Brasil, o que foi contestado pelos educadores segundo nos afirma FREITAG, (1993 p. 14):

"A ajuda da USAID era denunciada por críticos da educação brasileira como um controle americano do mercado livreiro, especialmente do mercado do livro didático. Esse controle garantia por sua vez o controle também ideológico de

uma fatia substancial do processo ' educativo brasileiro".

Em 1968 foi criada a Fundação Nacional de Material Escolar (FENAME) sendo em 1976 alterada, ficando encarregada de assumir o Programa do Livro Didático (PLD), ainda formalmente sob competência do Instituto Nacional do Livro (INL) subordinado ao MEC.

Em 1980 o MEC cria o Programa do Livro Didático - Ensino Fundamental (PLIDEF), estabelecido dessa forma a vinculação da política governamental do livro didático com a criança carente.

Substituído o Programa do Livro Didático-Ensino Fundamental (PLIDEF) é instituído em 1983 a Fundação de Assistência ao Estudante (FAE) - órgão do MEC que "presta" assistência ao estudante a partir do pré-escolar até o 2º grau.

A FAE reúne os vários programas do governo, ficando ' sob sua gestão programas editoriais, do material escolar, bolsas de estudos e outros.

Essa centralização deu margem a inúmeras críticas, ' desde a dificuldade de distribuição dentro dos prazos passando pelo gerenciamento das empresas e editoras até a própria escolha do livro didático.

Em 1984, foi criado o Comitê de Consultores para a Área Didático-Pedagógica que tinha como premissa básica subsidiar a formulação das políticas do livro didático.

A atuação do referido comitê nunca atingiu plenitude, sendo desativada em 1985.

A partir desta data (1985) é oficializada a escolha ' do livro Didático pelo professor, o que traz na sua envergadura novas preocupações.

As condições de vida dos professores de modo geral, ' os impedem de ter acesso a jornais, revistas, que possam abrir os horizontes acerca do que se publica, como e com quais objetivos.

Assim os professores escolhem através de catálogos ' aqueles livros mais conhecidos reforçando o que nos afirma MOLINA ' (1988 p. 24):

X

"Quem edita mais divulga mais e, com isso, forma-se um círculo vicioso: as editoras mais poderosas exercem maior pressão sobre os professores".

Acrescentam-se a isso, a precária formação política-pedagógica da maioria dos professores e a pouca ou nenhuma familiaridade com novos livros tornando sem validade a oportunidade de escolha.

O direito que tem o professor de escolher o livro com o qual vai trabalhar choca-se na prática com a falta de condições concretas de exercer esse direito.

Dessa forma, as condições de trabalho dos professores "obrigam a ter mais de um emprego e praticamente não lhe sobra tempo para preparar uma aula antes de entrar na sala. A alternativa é realmente abrir o livro e basear-se nele". (NOVA ESCOLA - Nº 37,p40).

Assim o livro tem caráter de annual de bíblia. Uma pesquisa realizada em 1984, no Rio de Janeiro, segundo nos afirma FREITAG et al (1993), "concluiu que a maioria dos professores escolheu o livro com o qual estava trabalhando e 75+ destes gosta do referido livro".

Tal constatação nos remete a questão maior do hábito de leitura que têm os professores. O professor que lê pouco, passa sublinarmente para seus alunos o desprezo pela leitura. Segundo FREITAG et al (1993) "os hábitos de não-leitura do professor são repassados aos alunos".

Outra questão que se apresenta é o comodismo que o livro didático traz em sua bagagem. Não só nos livros de leitura, mas outros tantos, como por exemplo, de matemática, estudos sociais, etc.

A maioria dos livros acomoda tanto o professor como o aluno no desenvolvimento das atividades rotineiras, tornando as aulas monótonas e repetitivas.

Essa prática de trabalho como o livro em sala de aula, além, de amortecer a dinâmica da prática docente, limita a cria-

tividade do aluno por não estimular o lado artístico, a expressão oral e escrita, o manuseio de materiais que desenvolvam os aspectos lógicos-matemáticos, afetivos, psico-motores.

Nesse enfoque, o trabalho inerte com o livro didático restringe os conhecimentos por não "exigir" do professor pesquisas a outras fontes, tornando-o um mero repetidor das idéias do autor.

Os exercícios e atividades sugeridas na maioria dos livros não desenvolvem o raciocínio, por serem mecanizados. Estimula a decoreba e inibem a construção do saber.

Por isso, discutir o livro didático no processo ensino-aprendizagem torna-se no momento atual, extremamente relevante pelas inúmeras questões que suscita em torno do papel que ele desempenha em sala de aula, no contato direto com alunos e professores, sendo portanto, de grande interesse a todos os educadores.

OBJETIVOS

-Verificar o trabalho realizado com o livro didático, numa turma de 3ª série referente as atividades desempenhadas na área de Ciências;

-Promover estudos com professores a cerca do livro didático;

-Estabelecer um paralelo entre os conteúdos e exercícios apresentados no livro didático com a realidade/necessidade dos educandos.

M E T O D O L O G I A

O presente trabalho intitulado "O Livro Didático - seu papel no processo Ensino-Aprendizagem" pretende analisar o papel que tem o livro-texto e sua utilização pelo professor da turma de 3ª série na área de Ciências da Escola Municipal de 1º Grau Dégma Lúcia localizada em São Gonçalo-Pb.

De início para que possa haver familiaridade com o problema, o instrumento aplicado será a observação das atividades que o professor realiza com seus alunos na sala de aula.

Feita a coleta de dados através da observação participativa, utilizaremos uma entrevista semi-direta na busca de informações mais pormenorizadas acerca do trabalho com o livro didático.

A etapa seguinte constará de estudos sistematizados com todos os professores da escola sobre o livro didático tendo em vista que tal material é utilizado em grande escala por todos os professores.

Os momentos de estudos serão acompanhados de discussões sobre o trabalho realizado no dia-a-dia da sala de aula com o referido material didático, analisando seu papel no processo ensino-aprendizagem.

C R O N O G R A M A

ATIVIDADES	ABRIL				MAIO				JUNHO				JULHO				AGOSTO			
	SEMANAS				SEMANAS				SEMANAS				SEMANAS				SEMANAS			
	1ª	2ª	3ª	4ª	1ª	2ª	3ª	4ª	1ª	2ª	3ª	4ª	1ª	2ª	3ª	4ª	1ª	2ª	3ª	4ª
REUNIÃO BIBLIOGRÁFICA ESTUDOS TEÓRICOS	X	X	X	X	X		X													
VISITA À ESCOLA				X	X															
CONTATO COM OS PROFESSORES E PESSOAL DE APOIO							X													
OBSERVAÇÃO EM SALA DE AULA								X	X	X	X	X								
ESTUDO COM OS PROFESSORES													X	X	X	X				
SISTEMATIZAÇÃO DA EXPERIÊNCIA															X	X	X			

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARVALHO, Nelly. O livro didático e o professor. In. JORNAL DA ALFABETIZADORA. Nº 14. PORTO ALEGRE, KUARUP, s/d.

DEIRO, Matias de Lourdes Chagas. As Belas Mentiras: a ideologia subjacente aos textos didáticos. São Paulo. Moraes. 11ª edição.

FARIA, Ana Lúcia de. Ideologia do Livro Didático. São Paulo, Cotez, 11ª edição, 1994.

FREITAG, BARBARA. O Livro Didático em Questão. S. Paulo, Cortê, 2ª edição, 1993.

MOLINA, Olga. Quem engana Quem? Professor x Livro Didático. 2ª edição, Campinas, S. Paulo, Papyrus, 1988.

NOVA ESCOLA. N) 37 - Março - 1990.

A N E X O I I I

TEXTO 1

O LIVRO DIDÁTICO: SEU PAPEL NO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM

A Educação pode ser vista como elemento de formação global do indivíduo engajado nas suas relações sociais, políticas, econômicas e culturais como reflexos da sociedade que a mantém.

A escola pela função social que desempenha pode atuar como espaço possível de construção do saber sistematizado, fazendo com que o educando seja capaz de recriar o mundo do qual faz parte.

Recriar significa participar ativamente das atividades escolares engajando-se nos movimentos da comunidade nas reivindicações coletivas, no ambiente no qual está inserido.

Para que a escola cumpra a sua função social é preciso que ela repense a sua forma de transmissão do saber e questione o modo como trabalhar os conteúdos curriculares.

Uma forma que a escola de modo geral repassa tais conteúdos é através do livro didático.

Esse livro didático tem um papel importante no processo ensino-aprendizagem por, constituir-se muitas vezes no único material escrito encontrado na sala de aula e conseqüentemente, na vida das crianças em cujas mordomias não há propício à leitura conforme afirma Molina (1988 - p. 18).

"O livro didático adquire especial importância quando se atenta para o fato de que ele pode ser muitas vezes o único livro com que a criança tem contato. Considerando-se o fato de que ao deixar a escola pode ocorrer que jamais tornem a pegar em livros. Percebe-se que para muitos cidadãos o livro didático termina por ser "o livro".

Embora o livro traga no seu bojo tamanha responsabilidade o que é questionável é a forma como a escola o utiliza reforçando a divisão da sociedade em classes, sendo portanto um instrumento ideológico a serviço dos dominantes, o que pode ser confirmado por FARTA (1994).

"O livro didático é um dos veículos utilizados pela escola para a transmissão da ideologia burguesa".

Essa ideologia é transmitida muitas vezes através das gravuras, das situações, das histórias narradas e principalmente através dos conceitos morais e linguísticos, etc. Entretanto seja qual for a forma de trabalhar o livro didático, este assumirá um papel significativo vez que é um elemento tão presente na sala de aula quanto o professor, "havendo aqueles professores que chegam a proibir a entrar na sala de aula os alunos que não tenham trazido o livro" (Molina - 1988 p. 13).

A partir de 1985 foi oficializada a escolha de livro didático pelo professor, o que traz na sua envergadura novas preocupações.

As condições de vida dos professores de modo geral os impedem de ter acesso a jornais, revistas, que possam abrir os horizontes acerca do que se publica, como e com quais objetivos.

Assim, os professores escolhem através de catálogos aqueles mais conhecidos reforçando o que nos afirma MOLINA (1988. p. 24).

"Quem edita mais divulga mais e com isso forma-se um círculo vicioso: As editoras mais poderosas exercem maior pressão sobre os professores".

Acrescenta-se a isso a precária formação política-pedagógica da maioria dos professores e a pouca ou nenhuma familiaridade com novos livros tornando sem validade a oportunidade de escolha".

O direito que tem o professor de escolher choca-se na prática com a falta de condições concretas de exercer esse direito.

Dessa forma as condições de trabalho dos professores "obrigam a ter mais de um emprego e praticamente não lhe sobra tempo para preparar uma aula, antes de entrar na sala. A alternativa é realmente abrir o livro e basear-se nele (NOVA ESCOLA nº 37 - pág. 40).

Tal constatação nos remete a questão maior do hábito de leitura que tem os professores. O professor que lê pouco, passa sublimemente para seus alunos o desprezo pela leitura. Segundo FREITAS (1993), "os hábitos de não-leitura do professor são repassadas aos

aos alunos".

Outra questão que apresenta é o comodismo que o livro didático traz em sua bagagem. Não só os de leitura, mas outros tantos como por exemplo de matemática, de estudos sociais, etc.

A maioria dos livros acomoda tanto o professor como o aluno no desempenho ou melhor no desenvolvimento das atividades rotineiras tornando as aulas monótonas e repetitivas.

Essa prática de trabalho com o livro na sala de aula, além de amortecer a dinâmica da prática docente limita a criatividade do aluno por não estimular o lado artístico, a expressão oral e escrita, o manuseio de materiais que desenvolvam os aspectos lógicos-matemáticos, afetivos e psicomotores.

Nesse enfoque, o trabalho inerte com o livro didático restringe os conhecimentos por não exigir do professor pesquisas a outras fontes tornando-o mero repetidor das idéias do autor.

Os exercícios e atividades sugeridos na maioria dos livros não desenvolve o raciocínio, por serem mecanizados, estimulam a decoreba e inibe a construção do saber.

Por isso discutir o livro didático no processo ensino-aprendizagem torna-se no momento central extremamente relevante pelas inúmeras questões que suscita em torno do papel que ele desempenha na sala de aula no contato direto com os alunos e professores, sendo portanto de grande interesse a todos os educadores.

TEXTO 2

O CONTEÚDO DO LIVRO DIDÁTICO

Sabendo que a maioria dos textos didáticos não tem relação com a realidade de nossas crianças, podemos levantar questões acerca dos conteúdos.

Dessa forma os conteúdos dos livros didáticos se sobressaem como fortalecedor das discriminações existentes na sociedade sendo "Absorvido pelo professor e repassado ao aluno de forma acrítica e não distanciada" (FREITAG p. 111 - 1993).

Neste sentido o professor é o mediador dos conteúdos ideológicos veiculados que por sua vez contribui para a situação da escola brasileira seja um caos.

O livro didático mostra que os conteúdos apresentados não condizem com a realidade das crianças. Muitas vezes procuram emitir, disfarçar ou distorcer os problemas e as contradições sociais.

A seguir apresentaremos um texto que demonstra as diferenças entre duas crianças de classes sociais diferentes:

"O texto de um livro didático que continha a seguinte passagem, constitui um excelente material para se fazer a análise da sociedade italiana ou brasileira".

"A aurora ilumina de leve a neblina ' úmida e fria e já a campainha toca . É o amigo leiteiro que me traz o leite. Corro e vou abrir a porta. Ele ' me cumprimenta e sorri alegre. Tem ' onze anos: é pequeno, magro, esperto" (BONAZZI & ECO - 1982:88)

Desta forma percebe-se que um dos mais graves problemas está centralizado na criança carente o qual dificilmente pode ser tratado de forma adequada no livro didático, pois o mesmo nega as condições de vida da classe operária.

Os conteúdos apresentados nos livros fortalecem as discriminações desde o trabalho até a própria vivência de ser humano.

O presente texto retirado de um livro didático tenta camuflar o que é real, fazendo com que o tema "progresso" seja uma recompensa do trabalho.

"A Plantação do Zezinho"

Zezinho naquele dia,
amanheceu decidido.
-Preciso ganhar dinheiro
Isso é caso resolvido
Dinheiro - Vem do trabalho,
Por isso - Zezinho, então
juntou sementes e mudas,
começando a plantação...
Virou a terra/que dura...
Zezinho, ganhou dinheiro
vendendo tudo ao mercado...
De seu imenso trabalho,
foi logo recompensado...
Mas maior foi alegria,
foi poder apreciar
o fruto do seu trabalho
naquele velho pomar". (313 - p.13).

Na maioria das vezes o Zezinho que virou a terra se esforçou para trabalhar o mínimo para manter a casa, para sequer alimentar-se com o fruto do seu trabalho.

É preciso, portanto, questionar, analisar os discursos textuais do livro didático para que estes, sendo o único material acessível à camada popular, tenha a função principal de a medida que o conhecimento científico, sistematizado seja dado de forma crítica, consciente, para que os alunos sejam verdadeiros cidadãos.

TEXTO 3

O USO DO LIVRO DIDÁTICO

No estudo anterior respaldamos a questão dos conteúdos que os livros trazem em sua bagagem. Os nossos são de certa forma contribuintes de discriminações culturais, linguísticas, sociais.

Essa discriminação acontecem quando o professor não tem habilidade para desmistificar o que é colocado de forma sutil e harmo-nioso, desde as ilustrações até os textos nele apresentados.

O livro didático apresenta duas categorias de consumidores ou usuários: o professor que faz a escolha e o utiliza como recurso' de ensino, e por conseguinte o aluno que tem no livro didático, mui-tas vezes o material indispensável para absorção de conhecimentos dadas as limitações de edcritos (textos, jornais, revistas, outros li-vros) trabalhados pela escola.

Essas limitações concorrem para que tanto professor como 'aluno sejam podados em sua criatividade e saber, fazendo com que o livro tenha um caráter de manual, de Bíblia.

Em 1985 foi enviado a professores e alunos de vários esta-dos do Norte e Nordeste brasileiro um questionário que continha per-guntas sobre a avaliação dos livros que utilizavam.

Os dados colhidos por OLIVEIRA (1985) afirma que 95% dos 'livros adotados mereceram notas superiores a sete e, os usuários es-tavam satisfeitos com o livro que usavam. Outra pesquisa realizada 'em 1984, no Rio de Janeiro segundo afirma FREITAG et al (1993), "conclui que a maioria dos professores escolheu o livro com o qual esta-va trabalhando e 75% destes gosta do referido livro".

Tais resultados constataram que poucos estudos tem sido realizados nas escolas acerca do livro didático e sendo assim, os pró-prios usuários têm dificuldades de realizar uma análise mais minunci-osa sobre tal material.

Segundo afirma ALVES et alli (1984 - p. 30): "os livros de 1ª a 4ª séries não ajudam o professor a desenvolver nos alunos o gos-to pela leitura, não contribuem para a formação de hábitos de leitu-ra inteligente, nem estimulam a reflexão e a crítica".

Neste sentido o livro didático ao chegar nas mãos das crianças na escola precisa ser trabalhado de forma crítica confrontando o conteúdo deste com a realidade dos alunos.

Dessa forma o papel do professor ao utilizar o livro didático é de grande importância, haja vista que ele deve ter a preocupação de saber como a criança absorve tais conteúdos. O que pode ser confirmado por FREITAG (1995 - p. 116):

"Interessa saber também a maneira como a criança percebe e assimila os conteúdos bem ou mal veiculados pelos textos e pelo professor".

Nessa perspectiva revela-se a grande importância de como o professor trabalha o livro e por consequência os conteúdos para as crianças, transformando o que é retineiro em produtivo, enriquecedor, fazendo com que as mesmas tenham espaço para criarm refletir seu meio, onde o ensino-aprendizagem aconteça de forma satisfatória tanto para o professor como o aluno.

A N E X O I V

Escola Municipal de 1º Grau "Dégma Lúcia"

1º ESTUDO COM OS PROFESSORES

Tema: O livro didático: Seu papel no processo ensino-aprendizagem.

Data: 06/07/95.

Horário: 15:30hs.

Local: Sala de reuniões

Objetivos: -Discutir com os professores a cerca do livro didático;

-Levantar questões partinente ao livro didático.

PAUTA

1º Abertura

2º Técnica: (Eu tenho valor)

3º Questionamento

4º Exposição Oral

5º Trabalho em grupo

6º Debate

7º Avaliação

8º Encerramento

Escola Municipal de 1º Grau "Dégma Lúcia"

2º ESTUDO COM OS PROFESSORES

Tema: O conteúdo do livro didático.

Data: 13/07/95.

Horário: 15:30hs.

Local: Sala de reunião

Objetivos: -Estudar com os professores o conteúdo do livro didá
tico.

-Discutir com os professores questões relevantes ao
conteúdo do livro didático.

PAUTA

- 1º Abertura
- 2º Exposição oral
- 3º Técnica
- 4º Questionamento
- 5º Trabalho em grupo
- 6º Debate
- 7º Avaliação
- 8º Encerramento

Escola Municipal de 1º Grau "Dégna Lúcia"

3º ESTUDO COM OS PROFESSORES

Tema: O uso do livro didático.

Data: 20/07/95.

Horário: 15:30hs.

Local: Sala de reuniões

Objetivos: -Promover estudo com professores acerca do uso do livro didático;

-Realizar a análise de livros didático.

PAUTA

1º Abertura

2º Exposição

3º Técnica

4º Questionamento

5º Trabalho em grupo

6º Debate

7º Avaliação

8º Encerramento

A N E X O V

EU TENHO VALOR

-pes_r de minh_ m'quin_ de escrever ser um modelo _n-
tigo funcion_ bem, com exerc_õ de um_ tecl_. H' 42 tecl_s que fun-
cion_m bem, menos um_ e isso f_z um_ gr_nde deferenc_. Temos o cui-
dado que o nosso grupo n_õ sej_ como ess_ m'quin_ de escrever e
que todos os seus membros tr_b_lhem como devem.

Ninguèm tem o direito de pens_r: "_fin_l, ser _pen_s '
um_ pesso_ e sem dúvid_s n_õ f_r' deferenc_ p_r_ nosso grupo".

Comprendemos, p_r_ o grupo poder progredir efficienti-'
mente, precis_ de p_rticip_ç_õ _tiv_ de todos os seus membros. '
Sempre que vicê pens_r que n_õ precis_m de você, lembre-se d_ mi-
nh_ m'quin_ de escrever, e dig_ _ si próprio: Eu sou um_ d_s te
cl_s import_ntes n_s noss_s _tivid_des e os meus serviços s_õ mui-
toecess'rios.

BIBLIOGRAFIAS

CARVALHO, Nelly. O livro didático e o professor. JORNAL DA ALFABETIZADORA. Nº 14. Porto Alegre, Kuarup, s/d.

DEIRO, Matias de Lourdes Chagas. As Belas Mentiras: a ideologia subjacente aos textos didáticos. São Paulo. Moraes. ' 11ª edição.

FARIA, Ana Lúcia de. Ideologia do Livro Didático. São Paulo, ' Cortez, 11ª edição, 1994.

FREITAG, BARBARA. O Livro Didático em Questão. S. Paulo, Cortez, 2ª edição, 1993.

MOLINA, Olga. Quem engana Quem? Professor x Livro Didático. ' 2ª edição. Campinas, S. Paulo, Papirus, 1988.

NOVA ESCOLA, nº 37 - Março - 1990.